

CASA E RUA: DEVANEIOS DA INTIMIDADE ABERTA¹ *HOME AND STREET: DAYDREAM OF OPEN INTIMACY*

Ana Cláudia Nunes ALVES

Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo pela
Universidade Federal Fluminense (Início 2019). Professora
EBTT - Arquitetura do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF) no Campus
Avançado Maricá.)
E-mail: acnunesalves@gmail.com

RESUMO

A urbanização dispersa de Maricá, município costeiro periférico situado no leste metropolitano do Rio de Janeiro, se apresenta de diferentes maneiras a depender de onde estamos. Parecem muitas cidades em uma só. A principal rodovia de acesso, a RJ-106, que cruza toda a cidade longitudinalmente, mais parece um varal onde fios, casas, comércios, calçadas e ruas se penduram. Para entendê-la é preciso percorrê-la com olhos curiosos de criança, é preciso devanear. Assim, o presente artigo traz narrativas de devaneios ocorridos na RJ-106, ora de automóvel, ora a pé e que pretendem desencobrir alguns dos muitos elementos que compõem a paisagem da casa-rua-estrada-mercado que se nos apresenta.

PALAVRAS-CHAVE: Urbanização dispersa, casa-rua-estrada-mercado, paisagem, habitar, Maricá/RJ.

ABSTRACT

The urban sprawl of Maricá, a peripheral coastal municipality located in the metropolitan east of Rio de Janeiro, presents itself in different ways depending on where we are. It feels like many cities in one. The main access road, RJ-106, which crosses the entire city longitudinally, looks more like a clothesline where wires, houses, shops, sidewalks and streets hang. To understand it you have to go through it with the curious eyes of a child, you have to daydream. Thus, this article presents narratives of daydreams that occurred on RJ-106, sometimes by car, sometimes on foot, and which intend to uncover some of the many elements that make up the landscape of the house-street-road-market that presents itself to us.

KEYWORDS: Urban sprawl, home-street-road-market, landscape, dwelling, Maricá/RJ.

¹ Artigo produzido no contexto do Projeto MobEx: “Mobilidades contemporâneas: transformações na experiência de casa e de rua a partir da pandemia” (CNPq n. 407325/2021-2), sediado no Laboratório de Geografia dos Riscos e Resiliência (LAGERR) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

INTRODUÇÃO

As grandes utopias urbanas do século XIX e início do século XX mudaram as narrativas sobre as cidades e refletiram diferentes maneiras do planejamento urbano pós-guerra em lidar com as transformações do urbano contemporâneo, principalmente no que se refere à dispersão urbana, fenômeno onde o crescimento das cidades se dá mais pelas trocas e deslocamentos populacionais do que por relações físicas de proximidade espacial. Esta complexa rede de territórios com características de hibridismo entre concentração e desconcentração, centro e periferia, campo e cidade suportadas pelas redes técnicas e de comunicação necessita, enfim, de novos métodos de estudo e uma linguagem que consiga captar seus fragmentos, não como caos, mas como devir dinâmico.

Sendo um município periférico e multifacetado, Maricá, município com área de 361,6 km², situado na porção leste da Região Metropolitana do Rio de Janeiro a aproximadamente 60 km da capital, apresenta diferentes facetas, com configurações e modos de vida ora pendendo ao urbano metropolitano, quando próximo aos limites com Niterói e São Gonçalo; ora ao rural, quando mais próximo de Itaboraí e Tanguá; ou ainda nos mostrando sua face litorânea, em bairros próximos a Saquarema, onde a urbanização dispersa e linear se deu em função do turismo de sol e mar.

Para poder me aproximar das novas configurações, múltiplas, abertas e às vezes caóticas do habitar em Maricá, precisei ir ao encontro do mundo a mim revelado pela fenomenologia, em contato com as coisas como elas mesmas, no dia a dia com o viver cotidiano. Esse pensar, como presença no mundo, habitar poético que permite um caminhar livre só é possível quando nos sentimos abrigados em nossa intimidade e podemos, então, cuidar do outro e da terra. (HEIDEGGER, 2012)

Assim, ao modo de ser da criança, capaz de envolver-se com o presente, mas com a curiosidade rumo ao desconhecido, recorreremos à fenomenologia de Bachelard (2008) para desencobrir múltiplos sentidos de casa nas paisagens de Maricá. Pois a “[...] casa nos fornecerá simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens” (BACHELARD, 2008, p.23).

A casa, para Bachelard (2008) condensa a ideia de intimidade, é o receptáculo de nossas memórias e imaginação e, ao mesmo tempo, nos fornece a segurança e o acolhimento necessário para que nos lancemos no mundo. E essa é a maneira como a criança apreende a realidade, a partir da casa, entendida não só em sua materialidade, mas como parte de nossa constituição como seres-no-mundo. A casa, real e imaginária, vai compondo, assim, o habitar.

O *locus* privilegiado do habitar: a casa, embora constituída de elementos sólidos, paredes e pisos concretos, carrega em si a memória e o imaginário, posto que este espaço privilegiado da intimidade preexiste à nossa própria existência, assim como as relações familiares nela estabelecidas. Afinal, o

mundo já nos é dado, desde o nosso nascimento. E o primeiro mundo do qual recordamos, onde o habitar mais íntimo encontra-se alojado é exatamente a casa em suas múltiplas possibilidades de existir. A casa é essa centralidade que permite ao ser sentir-se pertencente, à vontade e acolhido suficientemente para explorar o mundo, estabelecendo com este relações recíprocas. A casa é nosso mundo.

Para tal, tracei alguns caminhos por onde a expansão urbana de Maricá se espraia, andanças que me permitiram, numa certa medida, espantar-me e encantar-me, estar presente como uma criança, experimentando, pisando, tocando, cheirando, olhando, ouvindo para me aproximar do habitar. Esse habitar, relacionado à *mediância*, ou seja, a indissociabilidade entre interior e exterior no que se refere a existência humana e à sua maneira de se relacionar corporalmente ao meio (BERQUE, 2002), pode ser expresso nas paisagens ao longo das rodovias do município, uma vez que elas formam o fio condutor por onde os elementos da paisagem se penduram. Busquei ater-me, contudo, ao que se mostrava naquele espaço-tempo, a fim de não analisar ou interpretar o fenômeno que se apresentava.

Esse encantamento/desencantamento do mundo, percebido pelas imagens de casas à beira da estrada, contribui para uma narrativa em hipertexto, aproximando-se da complexa, efêmera e multifacetada configuração urbana do município. Sendo assim, as paisagens ao longo das principais rodovias do município: RJ-106 e RJ-114 nos convidaram à reflexão sobre os novos sentidos de casa e rua ao longo das principais vias de acesso que cortam o município longitudinalmente (RJ-106) e transversalmente (RJ-114).

No presente artigo, além de Bachelard (2008) em seus devaneios sobre a intimidade, pedimos auxílio a Domingues (2009), em sua poética e crítica visão sobre a rua da estrada e a Pallasmaa (2013), que nos apresenta a experiência corporal com a arquitetura como importante elemento de nossa identidade e o habitar em sua essência para estabelecer narrativas que pretendem tornar visíveis as paisagens que chamamos aqui de intimidade aberta ao longo das estradas estaduais RJ-106 e RJ-114, numa tentativa de transmitir e dar significado às paisagens experimentadas nos trajetos e caminhos percorridos.

RUA DA ESTRADA, ONDE TUDO SE PENDURA

A arquitetura é nosso principal instrumento de orientação no mundo; nossa casa determina o significado definitivo de interioridade e exterioridade, familiaridade e estranheza, estar no lar e estar fora dele. Como uma abstração e condensação do mundo, a imagem da arquitetura é uma interpretação e concretização de uma ordem idealizada. (PALLASMAA, 2013, p.121)

No hibridismo da urbanização dispersa em Maricá, a RJ-106 nos revela que tudo se mistura, se complementa, se confunde e se transforma. O habitar vai se fazendo no dia a dia, na correria, nas andanças e paradas. Para exprimir esse “caos organizado”: as imagens da arquitetura ao longo da estrada trazem o devaneio, a intimidade e o mundo.

Domingues (2009), faz uma leitura da Rua da Estrada, fenômeno encontrado por ele no Noroeste de Portugal, mas que guarda semelhanças com o que observamos em Maricá ao longo da RJ-106. Para ele, a rua da estrada, um híbrido onde a estrada, as calçadas (ou a falta delas) e o comércio de beira de estrada misturam-se aos postes, fios e diferentes meios de transporte, sendo necessária uma nova linguagem para compreender os sentidos de casa, rua, estrada, mercado etc. A rua, para o autor, é como uma corda de varal, um fio, uma membrana entre interior e exterior, onde os equipamentos sociotécnicos se penduram para conectar os diferentes espaços relacionais.

Na Rua da Estrada não há sossego. [...] Tudo parece instável e nunca terminado, seja pela constante adição de elementos ou pela transformação dos que já lá se encontravam. Ao mesmo tempo, a Rua da Estrada é de todos e de cada um. Para o Estado e suas diversas responsabilidades e instituições, a Rua da Estrada, tal como a estrada, é antes de mais nada um canal infraestrutural. Para além da tira do asfalto, vão por aí os telefones, os canos da água, do saneamento ou do gás, a fibra ótica, as linhas e os postes da eletricidade e a parafernália crescente da sinalética com toda a sua diversidade de tamanhos, formas, cores, letras ou luzes. (DOMINGUES, 2009, p.217)

Na Rua da Estrada (DOMINGUES, 2009), através das paisagens à beira de estradas, o autor faz uma crítica ácida e ao mesmo tempo uma leitura poética dos novos espaços urbanos criados à margem da urbanização, sem infraestrutura e, ao mesmo tempo, marcadas ainda por certa ruralidade. O retrato que vemos é de uma urbanização extensiva, distribuída ao longo de autoestradas, um território híbrido, transgênero, com identidade flutuante.

As paisagens apresentam-se metamorfoseadas, relacionadas a movimento e fluxo. As estradas não possuem os mesmos códigos e significados simbólicos da cidade consolidada, elas traduzem, através de suas placas e sinalizações, significados universais, são uma forma de comunicação. Os pontos de acesso à autoestrada, mesmo estando longe dos centros urbanos, intensificam a diversidade funcional das edificações. Isso porque as estradas possuem também sua atratividade de tudo ao alcance sem perder velocidade. Esse aparente caos é, para Domingues (2009), um hipertexto em construção contínua. “A Rua da Estrada é mais trajeto do que lugar, mais relação do que forma. Tudo pronto, portanto, para que a gênese do centro se possa também aí se desenvolver; de resto na Rua da Estrada também há monumentos e outras referências simbólicas e iconográficas para o postal e a foto” (DOMINGUES, 2009, p. 240).

A estrada e o que ele chamou de rede sociotécnica ligada a ela são o suporte das edificações distribuídas em linha nessa urbanização extensiva. A impressão que se tem é de um longo varal, com roupas de todos os tamanhos e formatos pendurados, uns espaços mais vazios, outros com pedaços de pano de chão puídos pelo tempo, outros com roupas bem coloridas. A estrada não se liga ao centro, mas define a ocupação e a paisagem linear, uma paisagem efêmera, furtiva, que marca mais ausências do que existências.

No “amontoado” de casas, lojas, pneus, piscinas, materiais de construção e automóveis que compõem essa membrana invisível da rua-estrada-mercado, os objetos parecem esculpir uma paisagem de promessas e encontros, muitas vezes não cumpridos e desfeitos. Maricá dá a impressão de ser uma cidade sempre em construção, sonhando em ser metrópole.

Abertos e, muitas vezes ocupando inclusive parte da pista de rolamento, na rua da estrada tudo se vende nos comércios ao longo da RJ-106, desde o “amigável pastel” para aqueles que passam de carro com destino à praia, até mesmo as muitas lojas de material de construção, que já mostram que Maricá é uma “cidade em obras” (figura 1) sem que para isso seja necessário acessar o interior dos bairros. Na estrada as relações de espaço e tempo se alteram, a paisagem da janela do automóvel vai sendo construída a partir de pontos focais, centralidades, pontos de interesse, curiosidades. Esses pontos que chamam atenção, são aqueles que nos atraem para uma parada, uma conversa, um devaneio.



Figura 1 - Cidade em obras. Em diversos pontos da RJ-106 as lojas de materiais de construção ocupam a beira da estrada.

ALVES, Ana Cláudia Nunes. Arquivo pessoal, 2022.

A Rua da Estrada é uma coisa mal amada pela mesma razão de muitas outras coisas cuja identidade é flutuante, não encontrando estabilidade por aquilo que é mas sim pelo que deixou de ser ou ainda não é. É como um híbrido com a identidade cruzada e manipulada, ou ainda pior, como um transgênico que incomoda pelo simples fato de transgredir aquilo que o originou. (DOMINGUES, 2009, p.13)

Nessa “confusão” que é a rua da estrada, não é possível identificar onde começa a estrada e termina a calçada (até porque em muitos trechos não há) ou o que é “casa”, “comércio” ou “praça”, ou seja, nenhuma categorização estável de usos é possível. Esse espaço não classificado, não delimitado da rua da estrada, lembra a arquitetura kitsch, uma colagem, um fractal onde tudo se encaixa (Figura 2).



Figura 2 - Rua da Estrada. Espaço relacional entre interior e exterior, onde casas, comércio, rua, estrada, calçada, pessoas e redes estabelecem múltiplos fluxos e centralidades. ALVES, Ana Claudia Nunes. Arquivo pessoal, 2022.

A Rua da Estrada é como um centro em linha, uma corda onde tudo se pendura; uma estrada-mercado. [...] Na Rua da Estrada não há apenas trânsito de passagem como na estrada, nem movimentos locais de peões e veículos como na rua. A estrada-rua mistura tudo num conflito permanente, caminhões e peões, carros e autocarros, motorizadas e patins em linha, cruzamentos com outras estradas. Há quem simplesmente passe e há quem queira sair e entrar; estacionar ou atravessar a estrada. Rápida demais para quem lá vive, lenta e congestionada para quem lá passa. Um desassossego que não se resolve com passadeiras, semáforos, multas, rotatórias e outros truques de acalmia de tráfego. [...] É como se um buraco negro, verdadeiro atrator de matéria, viesse perturbar a física cotidiana, e o tempo e o espaço se comprimissem com ânsias de energia e velocidade. (DOMINGUES, 2009, p.16)

Ao longo da RJ-106, essa impressão de “rua da estrada” fica cada vez mais forte quando passamos pelos bairros de Inoã e São José do Imbassaí. A velocidade está em tudo: pessoas apressadas, automóveis, vendedores ambulantes, comércios de beira de estrada. Além da função de mercado dos meios-fios da estrada, as fachadas funcionam como finas membranas entre os espaços público e privado e entre o interior e o exterior. As tipologias residencial e comercial também se fundem, num jogo que confunde e embaça.

A CASA IMÓVEL E A INTIMIDADE DESPROTEGIDA

A imagem arquitetônica relaciona nossa experiência do mundo com a experiência de nossos corpos por meio de um processo de internalização, identificação e projeção inconscientes. As edificações genuínas reforçam nossa experiência do real, bem como a horizontalidade e verticalidade, do que está acima e abaixo, longe e perto. [...] O mundo é experimentado, sentido e avaliado em relação à base experimental da arquitetura. As edificações humanizam o mundo conferindo-lhe uma medida humana e um horizonte de julgamento e significado. Elas dão uma medida à assustadora infinitude e homogeneidade do cosmos. Ao mesmo tempo em que a arquitetura cria uma natureza feita pelo homem, ela também deixa manifestos os fenômenos naturais. (PALLASMAA, 2013, P.122)

Outros pontos da RJ-106 espelham a imagem do abandono, de promessas não cumpridas, de algo que se anuncia, mas não se realiza. Diversos loteamentos foram lançados com a promessa do COMPERJ na década de 2010 e muitos até hoje encontram-se vazios, com poucas construções, e diversos problemas de infraestrutura como falta d'água e inundações. A imagem do escritório da Brasil Brokers fechado e abandonado (Figura 3), nos faz indagar sobre as promessas de desenvolvimento metropolitano, numa realidade periférica.



Figura 3 - “A casa fecha suas portas”. Sensação de insegurança que a casa abandonada encerra.
ALVES, Ana Claudia Nunes. Arquivo pessoal, 2022.

A casa pode não ser apenas acolhedora ou engraçada. As flores postas na “casa de costas” (figura 4) dão um ar fúnebre ao local. Ninguém passa por ali, ninguém compra as mudas e plantas. Da estrada esse espaço não é visto, mas chama a atenção exatamente por seu silêncio quase constrangedor. Ali ao lado, muito movimento, comércio, pessoas passam pra lá e pra cá. Mas neste lugar, a vida e o movimento se esqueceram de aparecer. Aqui lembramos da efemeridade e finitude dos corpos e da paisagem, pois o que está aí hoje, amanhã não estará.



Figura 4 - A casa de costas.
ALVES, Ana Cláudia Nunes. Arquivo pessoal, 2022.

A experiência corporal que temos no contato com o mundo construído reforça nosso sentido de identidade, ao mesmo tempo que os espaços se tornam humanizados. A partir da pluralidade de sentidos da intimidade, Bachelard (2008) nos auxilia a devanear sobre a casa e a rua, onde a casa corresponde à presença existencial de cada um de nós no mundo, o lugar mais íntimo, onde a liberdade de sermos nós mesmos - ser íntimo - corresponde ao habitar próprio de cada um. A casa seria, então, o lugar onde a intimidade se faz presente, intimidade que é constituída à medida que habitamos o mundo, ou seja, que atravessamos a rua-membrana e interagimos com outros seres.

Se habitar o mundo é estar em intimidade com ele, na intimidade do devaneio, como propõe Bachelard (2008), uma intimidade que pressupõe um centro - a casa - e um mundo que me recebe como sou, à medida que sou, ou seja, à medida que me sinto pertencendo a este mundo, o mundo, é a minha casa e habitar é dar-se conta da própria existência. “Além da habitação e da proteção em um espaço físico sem significado e hostil, a arquitetura nos proporciona um domicílio no espaço cósmico e mental. ‘Uma casa é um instrumento com o qual se confronta o cosmos’, sugeriu Gaston Bachelard.” (PALLASMAA, 2013, p. 97)

Essa proteção que a casa oferece permite o movimento, a saída, o fluxo para fora e o encontro com o outro, pois a identidade está preservada.

O mundo fora de nossas casas é um mundo diferente daquele confrontado sem o efeito mediador do artefato arquitetônico. Uma tempestade que acontece do lado de fora de nossas

janelas ou acima de nossos telhados não é a mesma intempérie percebida sem as funções de proteção, distanciamento, separação e focalização da casa. (PALLASMAA, 2013, p.119)

A imensidão do cosmos torna-se menos assustadora e mais familiar quando temos a casa como elemento de passagem entre o interior e o exterior. Por isso que, em situações de calamidades associadas à perda da casa, a integridade da identidade e do sentido de orientação e pertencimento esgarçam-se. Para podermos estar no mundo livremente, precisamos saber que existe a casa, um lugar para retornar, se de-morar e devanear.

Contemplamos, tocamos, ouvimos e medimos o mundo com toda nossa constituição e existência físicas, e o mundo das experiências é organizado e articulado em torno do centro do corpo. Na verdade, nosso mundo existencial tem dois focos simultâneos: nosso corpo e nossa casa. Há um relacionamento dinâmico especial entre os dois; eles podem se fundir e oferecer um senso definitivo de conectividade, ou podem estar distantes um do outro, originando um senso de saudade, nostalgia e alienação. Nosso domicílio é o refúgio e a proteção de nosso corpo, memória e identidade pessoal. Estamos em constante diálogo e interação com o ambiente, a tal ponto que é impossível desconectar a imagem da identidade pessoal de seu contexto espacial e situacional. (PALLASMAA, 2013, P.125)

A casa abandonada ou em ruínas atrai o devaneio. Nossos sentidos se sentem atraídos pelas enigmáticas ruínas. O cavalo da imagem parece não se importar com a antiga casa destruída, pois há mais pasto disponível agora. Se antes o concreto tomava conta do terreno, hoje ele reina absoluto. As ruínas da casa (Figura 5) incitam o olhar para além da estética, algo nos comove, essa efemeridade da casa que retorna ao pó, à terra, ao cosmos. E novamente o homem se vê apenas diante do seu próprio corpo, sem anteparos.

Como “Uma casa viva não é imóvel.” (BACHELARD, 2008, p.85), o caminho que conduz à casa é um convite, onde os elementos cinestésicos, como a maçaneta da porta, são um convite à alteridade, hospitalidade que abre sua intimidade na experimentação do mundo. Para que essa abertura ao mundo se dê, é necessário aceitação de como se é e do outro como ser único no mundo, abrir portas e janelas para receber o outro e permitir-se movimentar e permanecer, sentir-se habitante.

Entre fios, ruídos, agitos, paro para ver o homem que habita a cabana (figura 6). Sob um cômodo sem janelas, ele sente o mundo: fechado e escuro. Seu corpo encontra a porta fechada, agarrado à maçaneta, de onde tem total controle do seu mundo, com o olhar ele diz não à estrangeira que passa na estrada. Ali o tempo é outro, mais lento, não aquele dos automóveis, ele só conhece as paisagens que consegue percorrer a pé. O cosmos, o mundo e a casa estão na sua cabana, onde preservar seu sentido de intimidade parece o mais importante.



Figura 5 - Ruínas da casa. ALVES, Ana Cláudia Nunes. Arquivo pessoal, 2022.



Figura 6 - Na estrada tinha uma cabana. ALVES, Ana Cláudia Nunes. Arquivo pessoal, 2022.

DEVANEIOS SOBRE A CASA E A RUA

Não somente nossas lembranças como também nossos esquecimentos estão “alojados”. Nosso inconsciente está “alojado”. Nossa alma é uma morada. E, lembrando-nos das “casas”, dos “aposentos”, aprendemos a “morar” em nós mesmos. Já podemos ver que as imagens da casa caminham nos dois sentidos: estão em nós tanto quanto estamos nelas. (BACHELARD, 2008, p.20)

O muro aberto atrai o olhar (Figura 7). Dentro, uma casa antiga, daquelas que a gente pensa logo num café com bolo na varanda. Mas ali, não há mais bolo, nem café. A casa está fechada.

As sucessivas casas em que moramos mais tarde sem dúvida banalizaram os nossos gestos. Mas, se voltarmos à velha casa depois de décadas de odisséia, ficaremos muito surpresos de que os gestos mais delicados, os gestos iniciais, subitamente estejam vivos, ainda perfeitos. Em suma, a casa natal gravou em nós a hierarquia das diversas funções de habitar. Somos o diagrama das funções de habitar aquela casa; e todas as outras não passam de variações de um tema fundamental. A palavra hábito está demasiado desgastada para exprimir essa ligação apaixonada entre o nosso corpo que não esquece e a casa inolvidável. (BACHELARD, 2008, p.34)

“Toda grande imagem simples revela um estado de alma. A casa, mais ainda que a paisagem, é “um estado de alma”. Mesmo reproduzida em seu aspecto exterior, ela fala de uma intimidade.” (BACHELARD, 2008, p.82) Na RJ-114 é possível ver diversas casas abandonadas, provavelmente antigas casas de sítios, pequenos agricultores que envelheceram, mudaram-se ou venderam suas terras para empreendedores darem origem a mais loteamentos, onde a dispersão urbana transformou ruralidades em condomínios fechados, vazios e vigiados (Figura 8).



Figuras 7 e 8 - O muro aberto. A casa fechada e Condomínio fechado de alto padrão localizado na RJ-114 em meio à paisagem “rural” do bairro de Ubatiba. Além das câmeras, o funcionário desconfia e se aproxima para saber o que a “estrangeira está olhando”. ALVES, Ana Claudia Nunes. Arquivo pessoal, 2022.

Ao longo da RJ-114 as casas, as fazendas e os loteamentos fechados mostram as ausências, os enganos, os desencontros. Uma fazenda que já foi, uma fazenda que parece ser, mas não é e um

CASA E RUA: DEVANEIOS DA INTIMIDADE ABERTA. EK23031

condomínio onde ninguém habita. Onde antes as fazendas produziam laranja e leite, hoje só se vê pasto seco (Figura 9) e onde antes se plantava cana e produzia açúcar e aguardente, hoje é apenas cenário, fragmento, história encerrada entre muros e câmeras (Figura 10).



Figuras 9 e 10 – Antiga Fazenda Três Reis e Resquício preservado pelo proprietário da Fazenda do Pilar, hoje Condomínio Reserva Pilar, implantado na década de 2010.

Uma porta é, ao mesmo tempo, um sinal para pensar e um convite para entrar. A porta principal da casa retém nossos corpos por meio de seu próprio peso, transforma a entrada em um ritual e faz com que prevejamos os cômodos e a vida que está por trás dela. A porta silencia, mas ela é ao mesmo tempo um signo das vozes ocultas tanto do interior como do exterior. Abrir uma porta é um encontro físico íntimo entre a casa e nosso corpo; o corpo encontra a massa, a materialidade e a superfície da porta, e a maçaneta, polida até brilhar, pelo uso frequente, oferece-nos um aperto de mãos receptivo e de familiarização. (PALLASMAA, 2013, P.131)

As passagens, da intimidade, silêncio e solidão da casa à barulhenta, veloz e tumultuada estrada, podem ser também curiosas, atraindo nosso olhar ao pitoresco e até mesmo estranho estilo da rua da estrada se apresentar.

A estrada é um hipertexto em construção contínua. Aquilo que para muitos é caos, ruído, cacofonia, poluição visual etc., é afinal resultado de uma acumulação de signos cuja polissemia multiplica as possibilidades de estabelecer leituras, nexos, relações e significações, isto é, de construir comunicação. (DOMINGUES, 2009, p.145)

Nesse trecho da RJ-106 com largo comércio, essa passagem com ares de espaçonave parece reverter o tempo. Para alguns, mais acostumados à análise funcional do espaço compacto e delimitado, mau-gosto, mas

*Eu aguento até os modernos
E seus segundos cadernos
Eu aguento até os caretas
E suas verdades perfeitas mas
O que eu não gosto é do bom gosto
Eu não gosto de bom senso*

*Eu não gosto dos bons modos
Não gosto
(Senhas – Adriana Calcanhoto)*

Para quem tem olhos de criança, o corpo convida à aventura, uma corrida de lá pra cá dentro da “minhoca”. Afinal, “[...] no fundo, entender a instabilidade da Rua da Estrada implica abolir velhos tabus e ter alguma descontração.” (DOMINGUES, 2009, p. 257) Ao longo da estrada, muitos são os pontos perigosos de travessia e para tentar amenizar isso, a “solução” foi construir essa passagem subterrânea sob a estrada com ares de ficção científica e, na maior parte do tempo, vazia.

A rua da estrada também é lugar de troca, de encontro, de entrar em contato com a ruralidade. Frutas frescas todos os dias, essa é a promessa para quem está ali de passagem. O acostamento e a calçada (inexistente) viram ponto de parada para umas comprinhas saudáveis, assim, centralidades efêmeras vão se formando ao longo da RJ-106, essa rua-estrada-mercado.

A casa é nosso primeiro mundo, o lugar onde nossa intimidade é constituída, onde o eu diferencia-se do outro, num jogo onde as diferentes partes do corpo, assim como da casa, formam nossas memórias e acolhem nossos afetos. Se as janelas são os olhos da casa, eles nos olham, nos fazem refletir sobre nossos caminhos e descaminhos, com eles podemos imaginar muitas histórias, algumas engraçadas, outras tristes.

A utilidade e habitabilidade tornam a arquitetura um ato, um convite, e conferem-lhe a essência de um verbo. A esquadria da janela não é uma experiência de arquitetura, é apenas uma experiência de visão; olhar através da janela e, portanto, conectar dois mundos – o interno e o externo – transforma a imagem em uma autêntica experiência de arquitetura. (PALLASMAA, 2013, P.131)

Se a essência da casa é ser este espaço onde a intimidade se preserva, onde a identidade se constrói e onde pode-se abrir para a experiência do mundo, ela condensa o habitar, está entre o interior e o exterior, relaciona homem e mundo. A casa revela, então, o habitar. E quanto mais simples, mais incita o devaneio.

*Sonho com uma morada, casa baixa de janelas
Altas, três degraus gastos, rasos e esverdeados.
Morada pobre e secreta com ar de gravura antiga
Que só vive em mim e onde eu entro às vezes
Sentando-me para esquecer o dia cinzento e a chuva.
(LAFON, 1913. Apud. BACHELARD, 2008, p.65)*

A casa membrana (Figura 11), simples, aberta, convidativa, guarda em si tudo o que é necessário para abrigar-se do cosmos infinito. Além disso, ali, o tempo para. A estrada, o comércio, os

automóveis, movimentam-se ao seu redor. O sentido da cabana, descrito por Bachelard (2008), faz-se presente.

Quanto mais simples é a casa gravada, mais ela trabalha a minha imaginação de habitante. Ela não é apenas uma “representação”. Suas linhas são *fortes*. O abrigo é fortificante. Quer ser habitado *simplesmente*, com a grande *segurança* que a *simplicidade* proporciona. A casa gravada revela em mim o *sentido da cabana*; revivo nela a *força de olhar* que a *janelinha* tem. E vejam! Quando digo sinceramente a imagem, eis que sinto necessidade de sublinhá-la. Sublinhar não será gravar escrevendo? (BACHELARD, 2008, p.66)



Figura 11 - “A casa-membrana, devaneio de intimidade.
ALVES, Ana Claudia Nunes. Arquivo pessoal, 2022.

O ser é sucessivamente condensação que se dispersa explodindo e dispersão que refluí para um centro. O exterior e o interior são ambos íntimos; estão sempre prontos a inverter-se, a trocar sua hostilidade. Se há uma superfície-limite entre tal interior e tal exterior, essa superfície é dolorosa dos dois lados. (BACHELARD, 2008, p.221)

Entre a casa e a rua, as escadas, de onde o homem contempla o mundo. Os objetos dispostos na fachada, as portas e janelas abertas nos levam diretamente ao que há de simples e profundo nesse espaço-tempo. Ali tudo está posto e se mistura: casa, rua, estrada, mercado.

CONCLUSÕES INCONCLUSIVAS

As discussões acerca dos modos de ser contemporâneos em cidades médias de urbanização dispersa vem nos voltando, cada vez mais, ao vernacular, ao ordinário, no sentido daquilo que é simples, mas nem por isso simplório. E a casa, como centralidade, núcleo e elemento que condensa a intimidade, bem como a rua, fio que pendura e conduz o movimento, são elementos que ajudam a tecer o habitar.

Diante dos caminhos percorridos, o habitar das paisagens foi se desencobrando, onde a casa e a rua-estrada-comércio aclararam essa relação interior e exterior da intimidade aberta, mostrando múltiplas faces da urbanização dispersa do município de Maricá/RJ. Num jogo de cobrir e desencobrir, abrigar, esconder e exhibir, a casa e a rua se misturam, confundem e formam esse varal onde tudo se pendura junto aos postes, fios e materiais de construção. As promessas, encontros e desencontros se mostram através das imagens da arquitetura, que com sua materialidade consegue exprimir a alma dos espaços e marcar o tempo.

Abandonei alguns roteiros que antes achava que me seriam úteis, mas abri outras possibilidades de encontro, que são apresentadas aqui apenas como sementes do que pode ainda vir a ser, outros estudos, outros planos, outras narrativas. Se habitar o mundo é estar em intimidade com ele, na intimidade do devaneio, como propõe Bachelard (2008), uma intimidade que pressupõe um centro - a casa - e um mundo que me recebe como sou, à medida que sou, ou seja, à medida que me sinto pertencendo a este mundo, o mundo, é a minha casa e habitar é dar-se conta da própria existência.

Os devaneios em torno da casa e da rua nas paisagens de Maricá, município de urbanização dispersa, na precariedade de sua infraestrutura e no excesso de suas promessas, nos revelam seu habitar mais comum. Seu modo de ser em constante movimento, entre a metrópole e o campo, entre a serra e a praia, nesse jogo de esconde e mostra característico do crescimento urbano do século XXI. A rua-membrana, fina camada que envolve de maneira fluida e quase imperceptível, revela a intimidade aberta das casas à beira da estrada.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BERQUE, Augustin. L'habitat insoutenable. Recherche sur l'histoire de la désurbanité. In: *L'Espace géographique* 2002/3 (tomo 31), pp 241 à 251. *Espace géographique*, Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-espace-geographique-2002-3-page-241.htm> Acesso em 30 set 2020.

DOMINGUES, Álvaro. *A rua da estrada: o problema é fazê-los parar*. Porto: Dafne Editora, 2009.

CASA E RUA: DEVANEIOS DA INTIMIDADE ABERTA. eK23031

HEIDEGGER, Martin. *Ensaíos e conferências*. 8. ed. - Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

HOLZER, Werther. *Ser-na-cidade: por uma arquitetura e urbanismo como lugar*. Pensando. Revista de Filosofia Vol. 8, Nº 16, 2017.

PALLASMAA, Juhani. *A imagem corporificada: imaginação e imaginário na arquitetura*. Porto Alegre: Bookman, 2013.



ALVES, Ana Cláudia Nunes. CASA E RUA: DEVANEIOS DA INTIMIDADE ABERTA. *Kalagatos*, Fortaleza, vol.20, n.2, 2023, eK23031, p. 01-17.

Recebido: 05/2023

Aprovado: 06/2023